

NATHANIEL HAWTHORNE: Resplendor crepuscular do século XIX na literatura norte-americana

Albérís Eron Flávio de Oliveira¹

RESUMO

Segundo Todorov (2009), a literatura não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos, compartilhando com eles, numerosas características. Não é por acaso que, segundo ele, ao longo da história, suas fronteiras foram inconstantes. Os escritos de Nathaniel Hawthorne estão inseridos no contexto da Nova Inglaterra dos séculos XVII e XVIII especialmente, no quais é forte a presença do puritanismo na região. Os puritanos chegaram ao novo mundo com a intenção de formar uma sociedade com valores cristãos rígidos (HIGH, 1986) e a atividade literária de Hawthorne estava muito bem marcada pela sua própria vida e memória em Salem, Massachusetts, lugar onde ele nasceu em 1804 (McMICHAEL, 1966). O puritanismo defende a eliminação de todo o resto do catolicismo romano da liturgia eclesial e é formado por valores morais. Como um homem arisco e desconfiado (HAWTHORNE, 1984), Nathaniel Hawthorne deu à Literatura Norte-Americana e Universal, um conjunto de obras como *A casa das Sete Torres*, *O Jovem Amo Brown* e *O Fauno de Mármore*, entre várias outras. Vivendo e escrevendo sobre os fantasmas criados pelo absolutismo religioso, Hawthorne cresceu em uma cidade que então surgia como um importante centro de comércio marítimo e que começava a apagar lentamente os rastros do seu passado obscuro e sombrio. A fim de desenvolver este artigos, contamos com teóricos e historiadores da literatura como Cunliffe (1986), Eagleton (2006), High (1986), Zabel (1947), McMichael (1966) e Todorov (2009) para escrever sobre o importante papel de Hawthorne para a Literatura mundial.

Palavras-chave: Puritano, Religião, Fragilidade, Pecado, Sociedade.

1 É graduado em Letras com habilitação em Línguas portuguesa e Inglesa (UFRN, 1997), especialista em Literatura comparada (UFRN, 2008) e em Educação de Jovens e Adultos (IFRN, 2011). Mestre em Literatura Americana pela UFRN e doutor em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem (PpGel), também pela UFRN. Norte. É professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Email: eronflavio@hotmail.com.

ABSTRACT

According to Todorov (2009), literature is born in the center of a set of living discourses, sharing with them, numerous characteristics. According to him, its borders have been unstable throughout history. Nathaniel Hawthorne's writings are inserted in the context of New England in the 17th and 18th centuries especially, in which Puritanism is strongly present in the region. Puritans arrived in the new world with the intention of forming a society with strict Christian values (HIGH, 1986) and Hawthorne's literary activity was very well marked by his own life and memory in Salem, Massachusetts, where he was born in 1804 (McMICHAEL, 1966). Puritanism advocates the elimination of all the rest of Roman Catholicism from ecclesial liturgy and is formed by moral values. As an aloof and suspicious man (HAWTHORNE, 1984), Nathaniel Hawthorne gave North American and Universal Literature a set of works such as "The House of the Seven Gables", "The young goodman Brown" and "The Marble Faun", among several others. Living and writing about the ghosts created by religious absolutism, Hawthorne grew up in Salem, a city from Boston region which then emerged as an important center of maritime commerce and that began to slowly erase the traces of its dark and gloomy past. In order to develop these articles, we rely on literature theorists and historians such as Cunliffe (1986), Eagleton (2006), High (1986), Zabel (1947), McMichael (1966) and Todorov (2009) to write about the important role Hawthorne for World Literature.

Keywords: Puritan, Religion, Frailty, Sin, Society

1. INTRODUÇÃO

Por sua natureza, a literatura como arte, é um fato de civilização, condicionada por seu meio (MANZATTO, 1994). Ao mesmo tempo em que ela é influenciada pelo seu meio, ela exerce também influência sobre as pessoas e sobre a sociedade à qual é dirigida ou com a qual dialoga. Há uma interação dialética de influências, portanto. A literatura, então, não nos separa do mundo, mas, ao contrário, pode colocar-nos numa relação mais direta com ele.

A literatura ajuda a compreender melhor o homem e o mundo e ainda pode-se tirar uma beleza que pode enriquecer a sua existência. Ela abre uma serena e luminosa região de verdade, onde todos podem se encontrar e caminhar juntos, acima da fumaça e das tensões, do barulho e da vida inferior do homem (EAGLETON, 2006, p. 37).

Para Todorov (2009, p. 22), “a literatura não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos, compartilhando com eles, numerosas características”. Não é por acaso que, segundo ele, “ao longo da história, suas fronteiras foram inconstantes” (Ibid.).

Compartilhando com Eagleton (2006, p. 297) o fato de que “quanto mais nos afastamos da rica interioridade da vida pessoal da qual a literatura é o exemplo supremo, mais descolorida, mecânica e impessoal se torna a nossa existência”, é que nós buscamos realizar este trabalho.

A Literatura dos Estados Unidos da América, segundo Zabel (1947), assemelha-se à literatura de outras nações, em certos sentidos óbvios. É o registro das origens e do crescimento de um povo; de sua passagem dos primeiros passos culturais, coloniais e comparativamente primitivos, e de um lento desenvolvimento para a maturidade e independência, próprias de suas ambições, esperanças e propósitos como civilização.

Nesse contexto, destacamos nessa nova identidade que surge do seio do puritanismo religioso, o romance *A Letra Escarlata* (1850), de Nathaniel Hawthorne (1804 – 1864). A sua vida, assim como quase todos os seus escritos, estão impregnados da atmosfera característica da capital do império da Nova Inglaterra, Salem, na Baía de Massachusetts, onde preconceitos e superstições caracterizavam o lugar como uma fortaleza do calvinismo colonial.

Como um homem arisco e desconfiado (HAWTHORNE, 1984), Nathaniel Hawthorne deu à Literatura Norte-Americana e Universal, um conjunto de obras como *A casa das Sete Torres*, *O Jovem Amo Brown* e *O Fauno de Mármore*, entre várias outras. Vivendo e escrevendo sobre os fantasmas criados pelo absolutismo religioso – quando nasceu a cidade já não era a mesma de seus antepassados, imersa em uma ortodoxia puritana –, Hawthorne cresceu em uma cidade que então surgia como um importante centro de comércio marítimo e que começava a apagar lentamente os rastros do seu passado obscuro e sombrio.

De um espírito formado, notadamente, pelos resíduos da tradição de seus próprios ancestrais – o seu avô John Hawthorne² era considerado intolerante e feroz, inflexível e implacável em suas convicções e em sua maneira de entender as convicções alheias –, seu mundo imaginário era o mundo rodeado por feitiçarias e religiosidade.

Tendo perdido seu pai quando tinha apenas quatro anos de idade, Hawthorne foi criado por um tio e foi morar no Maine, onde viveu com poucos recursos. Em 1825, quando concluiu os estudos, retornou a Salem onde se confinou voluntariamente com sua família – a mãe e as

2 Ele herdara o espírito perseguidor, tornando-se tão fanático no martírio das feiticeiras, que com razão pode-se dizer que o sangue delas os deixou manchado (HAWTHORNE, 1984).

irmãs mais velhas. Foi nesse contexto de reclusão que Hawthorne começou a escrever os seus primeiros contos. Na ânsia de encontrar a expressão máxima e precisa de sua tez literária, ele submeteu-se a um duro regime de aprendizagem, escrevendo e reescrevendo contos, destruindo-os e escrevendo-os de novo. Convidado por um editor amigo, publicou em 1837 uma coletânea de narrativas, a que deu o título de *Twice-Told Tales*. Era a sua primeira publicação.

Pelo fato de, como ele próprio disse³, ter se afastado voluntariamente da sociedade tornando-se cativo de si mesmo, o que ele passou a ganhar com suas publicações não cobria as suas despesas. Hawthorne estudou com Longfellow e Franklin Pierce⁴, que depois se tornaria presidente dos Estados Unidos da América, e a necessidade forçou Nathaniel Hawthorne a aceitar um emprego na alfândega de Boston⁵. Nathaniel casou-se em 1842 e foi viver em uma velha mansão – *Old Manse* – em Concord, uma pequena cidade que depois se tornou local de residência de Ralph Waldo Emerson, Henry David Thoreau e Louise M. Alcott.

Na alfândega tornou-se inspetor. Nesse período, ele aproveitou o tempo para escrever o texto que lhe rendera maior fama e respeito: *A Letra Escarlate* (1850), cuja repercussão lhe deu estímulo para preparar *A Casa das sete Torres* (1851). Em 1853, como cônsul em Liverpool, encontrou subsídios para escrever *O Fauno de Mármore*, somente publicado em 1860.

Consagrado como um dos grandes escritores da Literatura Norte-Americana de seu tempo, Nathaniel Hawthorne se empenhou em desenvolver sua aptidão intelectual como se fosse um principiante. No prefácio de *O Fauno de Mármore* (1860), ele escreveu sobre as dificuldades que encontrou quando da construção de seus textos:

autor algum pode conceber como é difícil escrever um romance em uma terra em que não há sombras, nem antiguidades, nem mistério, nem nada de pitoresco ou sombrio – em que não há nada, a não ser uma vulgar prosperidade, como é, bem à luz do sol, felizmente, o caso da minha cara terra natal. Passar-se-á muito tempo, creio eu, antes que o romancista encontre temas congênitos e de fácil tratamento, quer nos anais de nossa valente república quer em qualquer das características de nossa vida individual. Romance e poesia, hera e líquen, e trepadeiras precisam de ruínas para poder viver (HAWTHORNE, 1985, p. 11).

3 “Segreguei-me da sociedade; jamais pensara em tal, no entanto, nem sequer havia sonhado que espécie de vida levaria. Tornei-me cativo de mim mesmo, aprisionei-me e agora não posso encontrar a chave que me deixará sair.” (HAWTHORNE, 1984, p. 10).

4 (HAWTHORNE, 1985).

5 Na introdução de *A Letra Escarlate* o autor comenta sobre os seus dias como trabalhador do ‘Edifício da alfândega’ em Boston.

O último livro publicado por Nathaniel Hawthorne foi *Our Old Home*, em 1863. Em 1864, o autor morreu em sua casa, em Plymouth, New Hampshire, tendo deixado um romance inacabado cujo título era *The Grimshaw's Secret*, em que focalizaria a descoberta de um elixir da longa vida.

2. TRADIÇÃO PURITANA NA LITERATURA DA NOVA INGLATERRA

Na formação histórica dos Estados Unidos houve desde cedo uma presença constritora da lei, religiosa e civil, que plasmou os grupos e os indivíduos, delimitando os comportamentos graças à força punitiva do castigo exterior e do sentimento interior de pecado. Daí uma sociedade moral, que encontra no romance expressões como *A Letra Escarlate*, de Nathaniel Hawthorne, e dá lugar a dramas como o das feiticeiras de Salem. (CANDIDO, 1998, p. 50)

As narrativas de Nathaniel Hawthorne estão inseridas no contexto da Nova Inglaterra dos séculos XVII e XVIII especialmente, nos quais é forte a presença do puritanismo na região. “Os puritanos chegaram ao novo mundo com a intenção de formar uma sociedade com valores cristãos rígidos” (HIGH, 1986, p.6) e “a atividade literária de Hawthorne estava muito bem marcada pela sua própria vida em Salem”, Massachusetts, lugar onde ele nasceu em 1804 (McMICHAEL, 1966, p. 525).

Esse movimento religioso, o puritanismo, defende a eliminação de todo o resto do catolicismo romano da liturgia eclesial e é formado por uma grande rigidez de valores morais. Segundo McMichael, o puritanismo também se destaca principalmente pelo rigor e pela falta de escrúpulos no modo e na forma de agir de seus representantes. Um exemplo desses representantes é John Hawthorne⁶, parente distante de Nathaniel Hawthorne e perseguidor dos quacres, que se destaca como o “principal inquisidor dos episódios da caça às bruxas de Salem de 1692” (Ibid., p. 525).

Os puritanos são uma manifestação da Igreja Congregacional – oriunda da igreja Anglicana europeia – e fruto da Reforma. De acordo com Howard (1964, p. 21) “a Inglaterra reconhecia

6 Hawthorne afirmou que era assombrado pela memória de seus ancestrais puritanos e ele descobriu a figura de seu tataravô, John Hawthorne, que teria sido um dos juízes durante o tribunal das bruxas de Salem de 1692. In HAWTHORNE, Nathaniel. **The Blithedale Romance**. New York: Dell Publishing Co., Inc., 1960. p. 7.

o sistema congregacionalista da Nova Inglaterra representado, agora, pelos puritanos”. Também, segundo Sellers (1985, p. 24), “as colônias da Nova Inglaterra constituíam consequências diretas do recrudescimento do conflito religioso da Inglaterra”. Os puritanos perceberam que faziam parte de um grupo que, entendendo que a Igreja europeia não havia se separado em seus rituais e dogmas da Igreja católica de Roma, foi forçado a migrar para um novo mundo por causa das restrições e perseguições que passaram a sofrer.

Eles se consideravam “agentes de Deus, enviados sob a sua milagrosa providência para construírem casas para os eleitos e para converterem ou aniquilarem os índios” (CUNLIFE, 1986, p. 36). O pano de fundo era completamente calvinista, principal fonte da doutrina religiosa daquela região. Eles defendiam como valores absolutos a soberania de Deus, em bondade, poder e conhecimento; a pecabilidade do homem a partir da queda de Adão, consequentemente, a sua separação do criador; a doutrina da predestinação, a crença de que Deus escolheu certas pessoas antes mesmo da criação para a salvação eterna e outras para a condenação. Era esse o motor que agia sob o ir e o vir da práxis daquela sociedade. Mas a “coragem, seriedade, sentido de propósito, energia intelectual, robustez e até jovialidade”, segundo nos revela Cunlife (1986, p.35), também os acompanhavam em seus cotidianos. “A Nova Inglaterra tinha uma moral distintiva e uma ordem social cuja influência se espalhou por quase todos os Estados Unidos” (Ibid., p. 35).

Os puritanos não eram exilados miseráveis e sem condições, nem criminosos ou escravos. Como moradores da Baía de Massachusetts, eles eram colonos simples, conscientes de sua nacionalidade, que tinham uma grande devoção por seus valores e em busca de uma vida diferente da que lhes era oferecida na Europa. Eles queriam liberdade e liberdade à sua maneira.

Ao chegarem à Nova Inglaterra – a grande migração puritana para a baía de Massachusetts aconteceu entre os anos de 1628 e 1643 (McMICHAEL, 1974) – passaram a dominá-la e a impor um estilo de vida dogmático e cheio de regras. Em consequência disso, aqueles que não se enquadravam em seu novo modo de vida, passavam a sofrer perseguições e punições. A igreja e o estado na Nova Inglaterra pareciam ser uma só instituição. Segundo High (1986) a sociedade puritana era uma teocracia: as leis da sociedade e as leis da religião eram as mesmas. Para se firmarem, exerceram um controle constante sobre imigrantes involuntários – negros africanos que ali chegaram através do tráfico – e uma suplantação dos nativos indígenas, dos quais eles se tornaram seus maiores inimigos.

Vida plena e abundante, trabalho duro e, em geral, submissão às regras sociais, sem espaço para questionamentos eram a rotina naquela nova terra. Conhecer o Deus cristão, obedecê-lo e reverenciá-lo, fazia parte do imaginário que pairava sobre todos que moravam em Salem. De qualquer forma, é boma saber que o nome da cidade – Salem, o lugar onde se desenrola a narrativa – é claramente uma referência ao antigo nome da mesma cidade que aparece na Bíblia. Sobre a literatura dos puritanos, podemos ler em Cunlife:

a primeira literatura surgida de semelhante mundo centrado em Deus era fortemente carregada, nos temas e no estilo, de considerações religiosas. A que era considerada melhor escrita era a que mais proporcionava aos membros da Igreja total consciência de sua perigosa e probatória condição na Terra (1986, p. 36)

Não é difícil perceber que a Literatura nesse tempo é intrinsecamente ligada à ideologia local. “A literatura, no sentido que herdamos da palavra, é uma ideologia. Ela guarda as relações mais estreitas com questões de poder social” (EAGLETON, 2006, p. 33). A forma ideológica de controle social naquele contexto era estritamente religiosa. A vinda dos puritanos para a nova terra trouxe, com muita força, também a ideia de pecado – um valor depositado nas suas regras de fé e prática que separa muito mais do que agrega. A noção de pecado entre eles exibia a forma de controle do poder social.

Em 1628 uma primeira companhia, sobre a jurisdição de John Edincott, recebeu a patente dada pelo governo para se estabelecer no lugar. Era a ‘Dorchester Company’, o primeiro grupo a chegar com intenções de ficar na região, definitivamente (CUNLIFE, 1986). A partir de então, outros grupos foram chegando à colônia de Massachusetts durante os governos que se sucederam. Anos mais tarde, segundo McMichael (1966), com a chegada de John Winthrop⁷, eleito governador da colônia da Baía da Massachusetts em 1630 e citado pelo narrador de *A Letra Escarlata*, o governo dos puritanos ganhou sede em Boston naquela mesma colônia. Com ele a comunidade de Salem assumiu o caráter religioso, bem parecido com o que é descrito no romance de Hawthorne.

7 Segundo Aptheker (1967), John Winthrop nasceu na Inglaterra em 1588 e veio para a Nova Inglaterra assumir a governadoria da Colônia de Massachusetts em 1630. Foi eleito governador da mesma província várias vezes antes de morrer. Publicou um Jornal, em 1790, de grande valor histórico para a sua região. Seus filhos John fundou a cidade de ‘New London’ em 1646.

No ano de 1629 era estabelecida a primeira igreja congregacionalista na América que tinha como pastor o reverendo Roger Williams, amigo pessoal de John Edincott, e que foi perseguido pelos puritanos juntamente com Ana Hutchinson por buscarem mais liberdade religiosa (Ibid.).

Ainda, como registra Cunliffe, os puritanos fundaram Harvard em 1636 e outras universidades como a de Yale em New Haven naquele mesmo período, com o objetivo de treinar novos ministros. Eles também fizeram funcionar a primeira máquina de imprensa em solo norte-americano em 1638 e publicaram o primeiro Jornal em publicaram o primeiro Jornal.

Em 1692 a cidade de Salem foi alvo de rumores por causa de denúncias a respeito da presença de bruxas e de magia negra (CUNLIFE, 1986). As notícias levaram o governo da cidade a fazer uma verdadeira caça às bruxas, na qual muitas pessoas foram presas e condenadas ao enforcamento. Para eles, a história se desenvolvia somente de acordo com os ‘planos de Deus’. Dentre os escritos que se tem registro dessa época, Cunliffe destacava:

‘Maravilhosa Providência’ (1684) de *Increase Mather* (1639-1723) que conta o ambiente psicológico do período da caça às bruxas em Salem, ‘O Anjo de Betesda’ (1723) que trata da importância da relação do homem com Deus, escrito por *Cotton Mather* (1666-1728) e os poemas com temas religiosos de *Ana Bradstreet* (1612-1672), intitulado ‘o brotar da última musa na América’, além de textos descrevendo as paisagens da Nova Inglaterra (p.6).

O espírito local da Nova Inglaterra vai, involuntariamente, gerar na nova terra uma cultura literária baseada em fatores coloniais e provincianos, mas “aos olhos dos europeus os nativos americanos se apresentavam apenas como selvagens rudes” (Ibid., p.25), e os seus expoentes coloniais serão julgados como instigadores de um fanatismo nocivo e anti-humano e cujos malefícios se prolongam e perduram até os dias atuais.

A fortaleza, a simplicidade e a coragem dos peregrinos de Plymouth enrijeceram-se no inflexível dogmatismo dos puritanos de Salem e Boston. Esse dogmatismo não era simples assunto para sermões, clérigos e igrejas: foi imposto em toda comunidade como norma e estrutura social. Em seus mais consistentes ensinamentos e obras, encontramos-lo nos escritos dos Mathers e Jonathan Edwards (ZABEL, 1947, p. 57).

Com o dever de cultivar o novo lugar, os puritanos passaram a cuidar da terra e a transformá-la em um campo comercial, lugar de onde eles tirariam sua sobrevivência,

implementariam e consolidariam suas leis e regras de convivência⁸. Citando Edgar Allan Poe, comentando a respeito da literatura da Nova Inglaterra, no contexto da obra de Hawthorne, Cunliffe (1986, pp. 119-120), registra:

A literatura da Nova Inglaterra direcionava-se para a seriedade. O extremismo puritano desaparecera. [...] Mas a 'heresia didática' pairava ainda no ar. A cultura da Nova Inglaterra não deixara de ser religiosa, os homens de letras eram, em certo sentido, homens de Deus.

Carl Bode, Leon Howard e Louis B. Wright trazem registros a respeito dos Estados Unidos, especialmente nos dois séculos que antecedem a sua independência. No que tange à formação da literatura no contexto puritano e com relação à Nathaniel Hawthorne, eles afirmam:

De alguma maneira Nathaniel Hawthorne pode ser considerado, juntamente com Poe, como um autor cujo trabalho representa o Romantismo decadente. Hawthorne partiu do impulso romântico da primeira metade do século XIX, desenvolveu sua arte a partir da tradição gótica de contar histórias e criou para ele mesmo uma personalidade literária. [...] O mito que cerca a sua personalidade é de um homem gentil e não de um selvagem, de um puritano e não de um homem amoral (1966, p. 108).

Mais adiante, esses mesmos autores dirão ainda sobre Nathaniel Hawthorne:

Hawthorne alcançou a maturidade a partir da crença de que os prazeres da imaginação poderiam ser aprofundados e enriquecidos a partir da atividade da moral. [...] Os elementos morais em suas histórias parecem ter sido introduzidos com o propósito de criar um efeito literário que vai além daquele do simples puritanismo (Ibid.).

O universo original em que surge a obra de Nathaniel Hawthorne é, portanto, parte do berço e da memória do povo americano, como descrito no livro *Nathaniel Hawthorne: a critical essay on the man and his times*, de 1879 de Henry James. Ele traz reflexões a respeito dos traços e do estilo de vida dos primeiros moradores da Baía de Massachusetts, nos apontando padrões da civilização moderna, avançada, existentes em outros países – especialmente a Europa – nos séculos XVII e XVIII, que estavam curiosamente ausentes da vida dos moradores da Nova

8 As colônias da Nova Inglaterra puderam se desenvolver como colônias de povoamento porque suas atividades econômicas atendiam aos interesses dos próprios colonos e não se subordinaram às diretrizes da política mercantilista metropolitana. (AQUINO, 1990).

Inglaterra. Na compreensão de Henry James, o maior legado deixado pelos puritanos à nova nação foram os seus dogmas e os seus valores, puramente cristãos. Mas, naqueles primeiros séculos, havia ausência de referências locais importantes:

Nem estado, no sentido europeu da palavra, apenas um nome especificamente nacional. Nem soberania, nem corte, nem lealdade pessoal, nem aristocracia, nem igreja, nem clero, nem exército, nem serviço diplomático, nem senhores rurais, nem palácios, nem castelos, nem mansões, nem grande literatura, nem novelas, nem museu, nem quadros, nem sociedade política, nem classe desportiva (CUNLIFE, 1986, p. 16).

James refere-se aqui à América de 1840, embora não pareça acreditar em prodígios de mudança para as próximas gerações. De fato, enquanto o Velho Mundo estava socialmente equipado com todos os espaços acima citados, a América dos puritanos ainda precisava crescer e se desenvolver para alcançá-los⁹.

Era possível enumerar elementos da civilização avançada, existentes noutros países, e que estavam ausentes na vida cotidiana dos colonos da Nova Inglaterra. Henry James menciona pontos dessa nova nação, ainda em formação, que estão sendo moldados em seus vários aspectos sociais, inclusive com relação à literatura. Por exemplo, para ele, “à sombra de qualquer texto que fosse escrito, estava a já consagrada e reconhecida Literatura Inglesa” (Ibid., p.16), uma literatura forte e de mesma língua, que há muito tempo havia apresentado ao mundo nomes consagrados como William Shakespeare, Geoffrey Chaucer, John Milton, entre outros. Isso se constituía um problema. Destacadamente o que encontramos na Nova Inglaterra dos puritanos são obras como *O Peregrino* (1678) de John Bunyan e o *O sincero convertido* (1641) de Thomas Shepard, além de *Of Plymouth Plantation*, jornal escrito por William Bradford entre os anos de 1620 e 1647, e *The Journal of John Winthrop* escrito entre os anos de 1630 e 1649, além de outros escritos, com forte apelo ideológico.

Nesse meio, aparecem enredos e textos cobertos de tópicos sobre a moralidade e exposições de conceitos ligados ao pano de fundo da época sempre mais ligado à ideologia religiosa. Esses traços são encontrados em todos os escritos de Nathaniel Hawthorne. Mas, ao que nos parece, Hawthorne os expõe apenas como alguém que era mero observador e estudioso do regime de seus antepassados.

9 Um dos argumentos utilizados por Henry James a respeito da grandiosidade e importância de Hawthorne para a literatura americana é o de ter despertado entre os autores americanos a necessidade de uma escritura genuinamente oriunda da própria terra. (EDEL, 1960).

Segundo High (1986), os textos de Hawthorne geralmente apresentam um forte sentimento do passado puritano da Nova Inglaterra do século XVII. Segundo a nota introdutória escrita por David Levin, professor de inglês da Universidade de Stanford, em edição do ‘*The Blithedale Romance*’ de 1960, Hawthorne concentrou mais atenção nos efeitos do pecado do que em suas causas (HAWTHORNE, 1960).

São esses aspectos do puritanismo¹⁰ que se transformaram em rifão e objeto de desprezo nos tempos modernos. Ao alcançarmos a época de Benjamin Franklin e de Thomas Jefferson, ou de Emerson, Thoreau e Walt Whitman, por exemplo, o próprio nome ‘puritanismo’ passa a ser considerado como um termo que chega traduzir-se em opróbrio e em abuso. É somente com a chegada da independência em 1776 que aquele povo se tornará, num sentido mais preciso, cidadãos de uma nação cuja soberania começará a ser internacionalmente reconhecida.

3. NATHANIEL HAWTHORNE: RESPLENDOR CREPUSCULAR DO SÉCULO XVII NA LITERATURA-NORTE AMERICANA

Em suas repercussões humanas e morais encontramos-lo melhor preservado – *o puritanismo, grifo nosso* –, talvez, nos escritos daquele homem extraordinário que viveu na Nova Inglaterra duzentos anos mais tarde e que era, a despeito de sua emancipação espiritual e faculdades imaginativas, herdeiro direto da consciência puritana de seus antepassados da colônia de Massachusetts – Nathaniel Hawthorne, no século dezenove, fora denominado por Lewis Mumford ‘o resplendor crepuscular do século dezessete. Com ele sobreveio o ocaso do Puritanismo como força espiritual’ (ZABEL, 1947, p. 57).

Nathaniel Hawthorne carrega consigo o estigma, embotado pelos estudiosos da literatura norte-americana citados nesse trabalho, de o último grande laureado e crítico do puritanismo. Essa interpretação se dá devido os seus *contos* e os seus *romances* exibirem toda a capacidade perceptiva de seu talento em relação à sociedade americana dos primeiros séculos. Neles, percebe-se claramente a Salem dos puritanos com um completo organismo de lei religiosa cuja própria organização social e jurídica é transformada em um cosmos moral em miniatura, dentro de cujos rígidos limites o drama do protesto, da rebelião, do conflito e da personalidade humana lança suas reivindicações.

Ao atingir a literatura norte-americana, pela primeira vez o pleno reflorescimento entre os anos de 1840 e 1860 – o chamado ‘Golden Day’ –, o posto de chefe espiritual e moral foi

10 O conservadorismo e o dogmatismo de seus defensores.

logo assumido por Ralph Waldo Emerson (Ibid.). Naquela época Emerson desempenhou um papel de ‘Profeta’ ou ‘Messias’. Ele deu aos seus compatriotas uma carta de liberdade e de iniciativa, numa fase nova da história do mundo, inovando o espírito da natureza como guia e emancipador da humanidade democrática¹¹.

“Queria Emerson que os americanos criassem um mundo diferente, no qual eles pudessem, qual Adão no paraíso, dar novos nomes a todos os animais do campo e do céu” (Ibid., p. 149). Segundo ele, ele deveria convidar os homens mergulhados no ‘Tempo’ a se recobrem e saírem do tempo, saboreando seu imortal ar nativo. Emerson criou um herói para os seus contemporâneos: não um homem de ação, conquistas ou trabalho, mas um ‘homem pensante’, o homem liberto a quem a capacidade de pensar permitiu unir-se a uma divindade superior do universo, a ‘suprema inteligência’, com toda a verdade. Para servir a seus semelhantes ofereceu o evangelho do ‘confia em ti mesmo’, uma espécie de ética prática da realização pessoal e da independência espiritual¹².

Dentre os primeiros a assimilarem a política de Emerson, destacamos Henry David Thoreau. Não foi apenas em seus dois anos de comunhão solitária com a natureza na floresta de Walden, em Massachusetts, que Thoreau deu exemplo de sua crença na unidade do homem com a natureza. Ele exemplificou-a no caráter, na conduta e no pensamento de toda a sua vida¹³. Ele foi considerado um herói da natureza, transformado no ideal emersoniano de completa integridade pessoal. Era contra a lei moral do puritanismo que se posicionavam Emerson e Thoreau. Leis que achavam-se firmemente plantadas na consciência do povo norte-americano, desde a chegada dos europeus.

Mas, nem Emerson nem Thoreau foram artistas fundamentalmente criadores. Eles foram profetas de um ideal. Emerson ocupou-se de uma visão e de uma revelação. Thoreau viveu dentro do universo de sua necessidade pessoal, uma espécie santidade, de integridade como indivíduo. “Cada um deles baseou suas idéias em premissas de uma inspiração arbitrária,

11 ‘Por que não gozamos nós de uma relação própria com o universo?’ perguntou ele. ‘Por que não temos uma poesia e uma filosofia de observação própria e não de tradição? [...] Por que andamos as apalpadelas com as cinzas do passado? Há novas terras, novos homens, novos pensamentos. Busquemos nossas próprias obras, leis e culto’ (ZABEL, 1947, p. 149).

12 A sociedade, por toda a parte, conspira contra a personalidade de cada um de seus membros. Aquele que quiser ser homem, deverá ser um não-conformista’ (JAMES, 1966).

13 ‘À proporção que um homem simplifica a sua vida, as leis do universo parecerão menos complexas, a solidão não será solidão, nem a pobreza, pobreza, nem a fraqueza, fraqueza. Se constituíste castelos no ar, vosso trabalho não terá sido em vão; que eles estão aonde deviam estar. Agora, ponde alicerces sob eles’ (ZABEL, 1947, p. 150).

num mandato de idealismo pessoal” (ZABEL, 1947, p. 151).

Mas, tanto as sociedades quanto os indivíduos exibem em seu desenvolvimento duas tendências divergentes. É possível dizer que as sociedades crescem para cima, sob o impulso da esperança, da aspiração, do desejo e da expressão. No entanto, podem crescer para baixo também, movidas pelo princípio da gravidade, da estabilidade, da unidade orgânica e da solidariedade com o solo que as regra e nutre. Buscam a independência de sua personalidade e expressão na liberdade da atmosfera superior; mas podem encontrar também seus alicerces no solo e na rocha do tempo, da história e da experiência. É certo que quando o ‘Golden Day’ da maturidade espiritual sobreveio na cultura norte-americana, encontrou seus profetas e visionários em Emerson e Thoreau. Mas, encontrou também sua consciência moral, seus expoentes da realidade complexa legada ao homem norte-americano pela história, a plena complexidade de sua existência moral e espiritual.

O princípio da visão contrabalançava o princípio da consciência. E foi este último que encontrou expressão na obra de grandes artistas da imaginação, à época de Emerson e Thoreau: Nathaniel Hawthorne, Herman Melville e, posteriormente, Emily Dickinson e Henry James. Neles a literatura norte-americana atingiu pela primeira vez completa maioria e triunfo na arte da ficção¹⁴. Saltamos, pela substância específica de suas obras como arte, os gênios visionários de Emerson e Thoreau, para buscarmos a verdade, não do ponto de vista de idealismos – como eles pensavam –, mas, de um realismo, que cada vez mais tende a se afastar, em sua prática, dos ensinamentos e da herança da formação puritana.

Emerson não conseguia ler os livros de Hawthorne; nem Hawthorne conseguia ler os livros de Emerson. Emerson era idealista e otimista, amante de coisas e teorias novas. Hawthorne o considerava o ‘místico’, estendendo as mãos duma região nebulosa, buscando em vão, alguma coisa real. Emerson é um grande pesquisador de fatos; mas parece que estes se desfazem e se tornam insubstanciais quando os quer prender; Emerson é o ‘eterno repudiador’ de tudo o quanto existe e investigador de algo que nem ele mesmo conhece. Para Emerson, a Noite ou o Dia, o Amor ou o Crime conduzem todas as almas ao bem. [...] Para Hawthorne, sob o mais puro caráter e a mais inatacável reputação podem discernir-se pecados ocultos ou, pelo menos, impulsos secretos para o Mal (ZABEL, 1947, p. 152)¹⁵.

Os dois, vivendo nas mesmas décadas da história norte-americana, divergiam, seguindo caminhos opostos. Nessa divergência podemos apreciar as correntes em que se divide o povo

14 (Ibid.).

15 Austin Warren a respeito do realismo exposto nas obras de Hawthorne.

norte-americano. São filhos da esperança e da culpa; da liberdade e da consciência, do Bem e do Mal. Como todos os povos, herdaram não só o futuro, mas também o passado. Eles também lançaram seus galhos e flores na atmosfera superior da liberdade e do desejo.

Quando Nathaniel Hawthorne nasceu, Salem de muito havia perdido seu antigo rigor como baluarte da ortodoxia puritana. Ela era a rica e próspera capital do comércio marítimo com a Índia e a China. Ela detinha o ruidoso porto de mar onde o comércio da Nova Inglaterra armazenava os fardos despojos de terras e mares estrangeiros. Hawthorne não parece ter herdado da ulterior prosperidade marítima de Salem. O seu caráter estava mais voltado para a herança espiritual de seus ancestrais puritanos. Salem continuava a ser, para ele, a velha fortaleza do calvinismo colonial.

Tendo tentado viver com Emerson e Thoreau na famosa Brook Farm¹⁶ – como um transcendentalista – Nathaniel Hawthorne não conseguiu êxito. Era realista demais para viver em um mundo que representava, segundo ele, uma abstração impossível. Ainda que em seu caráter fechado, ele não podia conceber-se ignorando as condições fundamentais da existência humana presentes no cotidiano das pessoas.

O núcleo central da realização de Hawthorne pode ser considerado a tentativa de fundir forma e substância, isto é, o contexto histórico no qual ele estava inserido e a situação dramática na qual as pessoas se encontravam, como relatado em suas obras. Ele trata da existência humana e seus dramas. Seus temas nos convidam a pensar a vida e no modo como ela nos foi herdada. É a realidade que ele busca, e não as circunstâncias, ele expõe o caráter e o destino de suas personagens numa tentativa de descobrir o que há de mais escondido no coração do homem e dos moradores de região de Salem.

Segundo Henry James (1966), Hawthorne não era um moralista, nem simplesmente um poeta. Os moralistas são, em certo sentido, mais pesados, mais densos e mais ricos; os poetas são mais puramente inconsequentes e irresponsáveis. Mas, a escritura de Hawthorne alia, em elevado grau, a espontaneidade da imaginação à constante preocupação com os problemas

16 Em 1841 ele se reuniu, por um breve período, à Comunidade Brook Farm. Essa comunidade fundada por Emerson e Thoreau também era conhecida como a cidade comunal dos filósofos de Concord. Eles criam que um estado ideal podia ser alcançado pelo homem, em sua tentativa de atingir a divindade de sua personalidade. Era uma modalidade de idealismo, cujas principais convicções se baseavam na supremacia da intuição e da consciência (HAWTHORNE, 1960). Para Otto Maria Carpeaux (1987), era uma colônia comunitária de anarquistas pacíficos e poetas sonhadores, quase messiânicos que andavam profetizando um futuro utópico para a América. Eles desprezavam as autoridades do puritanismo e zombavam do dogma da predestinação, chegando a negar a verdadeira existência do Mal no mundo.

morais. A consciência do homem era seu tema, porém o encarava à luz de uma fantasia criadora a que acrescentava, de sua própria substância, um interesse.

Hawthorne revelou um aspecto muito diferente do espírito norte-americano encarnado em Ralph Waldo Emerson: ele nos apresentou “não às faculdades proféticas e visionárias do espírito americano, mas a seus nervos, sua sensibilidade e sua história e ao destino, seus escrúpulos, e seu inflexível realismo em face da lei” (ZABEL, 1947, p. 167).

O mundo de suas histórias é bem pequeno. É o mundo do modo de pensar, da mentalidade, da Nova Inglaterra. Para Zabel (Ibid.), Hawthorne “condensou de tal forma sua compreensão daquela mentalidade, que dela fez um microcosmo dos elementos universais da natureza do homem, que estão além do tempo e do espaço”. Hawthorne alcançou, em suas obras, aspectos do localismo da Nova Inglaterra que se refletem no universalismo de toda sociedade.

De suas obras podemos tirar vários exemplos de uma dialética de localismos e universalismos, como em seu conto ‘O Jovem Amo Brown’ (1835). Nela ele deixa claro um questionamento sobre se devemos aceitar a aparência em primeiro lugar ou não. Essa preocupação parecia dominar alguns moradores da Nova Inglaterra puritana. Ele traz esse registro e quer de alguma maneira chamar atenção para isso. Como autor um pouco mais amadurecido, podemos ver em o ‘Véu Negro do Ministro’ (1836) que ele deixa claro, bem no centro de sua trama, que se deve olhar por trás do aparente para se encontrar a verdade e descobrir como as pessoas se vestem de uma falsa moral.

Quando Hawthorne finalmente admite a teoria de que “o exterior geralmente esconde o desejo secreto do coração humano em vez de revelá-lo, ele chega ao mesmo ponto de vista de Herman Melville” (CUNLIFE, 1986, p.109). Melville também escreve suas mais profundas histórias a partir dessa ótica. Diferentemente dos transcendentalistas¹⁷, Hawthorne posiciona-se como um leitor da realidade. O seu ponto de vista é simplesmente baseado em comportamentos aparentes de pessoas a quem, as personagens de suas obras, podem servir como espelho. Ele demonstra, dessa maneira, o moralismo decadente da sociedade pelo caminho da mera observação, do descompasso entre o interior e o exterior de cada uma de suas criações.

Ao lermos ‘A Filha de Rapaccini’ (1844), outro conto de Hawthorne, percebemos que há nele uma ilustração que contrasta a aparência e a realidade como também uma advertência da trágica potencialidade de tudo o que pode acontecer contra a natureza. Nesse texto, é fácil

17 Segundo Henry James citado em Trilling (1965), ele nos afirma que havia realismo demais em Hawthorne para permitir que ele tivesse fé nos reformadores transcendentalistas. Hawthorne era realista demais para transformar as maneiras em credos.

perceber “a representação ambígua dos motivos do ciumento Baglioni que tão simplesmente expõe suas boas intenções enquanto que, ao mesmo tempo, oferece um pequeno vaso de prata que contem destruição” (GUERIN, 1966, p. 110).

Nessa mesma direção, ao escrever *A Letra Escarlata*, percebe-se claramente que Hawthorne não estava querendo escrever algo convencional. Ele não estava interessado em um triângulo amoroso que culminasse com a fuga do casal de amantes para um paraíso onde eles pudessem viver felizes para sempre. A preocupação de Hawthorne é a respeito daquilo que pode acontecer quando um pecado ou falta secreta começa a roer por dentro de uma personagem – como é o caso do hipócrita reverendo Artur – ou do desejo de vingança do outro – do rancoroso Chillingworth. No caso de Ester, a personagem central da trama e vértice no qual se encontram esses dois outros, o segredo de seu pecado vai se diluindo e desaparece dentro de um processo natural. Ele denuncia a falsa moral de uma sociedade envolta em hipocrisia, mas que não lhes apresenta chance de conserto ou de, com ela, reconciliar-se. O autor utiliza um método intelectualmente realístico e psicológico em que a conclusão que pode ser tirada de sua narrativa é que o segredo pode ser mais destrutivo do que o próprio pecado.

Nathaniel Hawthorne traz em sua obra registros de um moralismo decadente, de um falso moralismo norte-americano – até o período em que viveu. Tendo nascido dentro do impulso romântico do século XIX e desenvolvido os seus textos a partir da tradição gótica do modo de contar histórias, ele criou, assim, o seu próprio estilo literário. Quando adentramos no *corpus* de sua obra, encontramos o sobrenatural, presente em boa parte de suas histórias. Histórias cujos enredos se caracterizam por habitações assombradas e misteriosas, por personagens com traços diabólicos e por muito suspense.

É possível interpretar sua obra, à medida que o tempo passa, com uma forte tendência em abandonar suas experiências com alegorias e cultivar apenas o método de instrução moral que deu coerência e certa profundidade aos seus escritos. Hawthorne não era uma figura dogmática, nem um moralista convencional, ele era apenas um grande observador social daquela época, da falsa moral impregnada na vida de seus compatriotas de Massachusetts. Sobre esse assunto nos conta Cunliffe:

os elementos moralizantes em suas histórias parecem ter sido introduzidos tanto para o propósito de criar um efeito literário quanto para expressar um puritanismo latente que já estava impregnado em seu imaginário. [...] Ele não tinha qualquer simpatia pelo dogmatismo de seus pais puritanos. Sua aproximação aos problemas

morais era oriunda de uma razão indutiva baseada apenas em suas observações e as conclusões que ele lentamente tirava eram, algumas vezes, radicais (1986, pp. 108-109).

O enredo de *A Letra Escarlata* descreve a história de um amor proibido que se passa em Salem, cidade de Massachusetts, no final do século XVII. Uma relação amorosa entre um reverendo cristão puritano de nome Artur Dimmesdale e uma senhora recentemente casada, chamada de Ester Prynne, cujo marido estava em viagem à Europa, é o fio que amarra toda a trama. A falta cometida por esses dois afronta os dogmas defendidos na região dominada por valores morais rígidos e o tratamento que recebem é punitivo e estigmatizante. Durante todo o texto, essas principais personagens nos são expostos e os seus comportamentos serão objetos de nossa reflexão. Ester, a mulher acometida de adultério, terá que usar uma marca de seu pecado no corpo, pelo resto de sua vida enquanto que o reverendo Artur Dimmesdale, o outro ‘adúltero’, a terá escondida dentro de si durante a maior parte do romance, até vir a se revelar. A repressão que eles passam a sofrer pelas leis da sociedade justificará a tristeza, a fragilidade humana e a falsa moral em que se encontra aquele povo, uma vez que estão embebidos no seio social de uma cidade marcada pela dura doutrina dos cânones puritanos.

4. CONCLUSÃO

Se Hawthorne traçou um caminho dentro do ‘puritanismo’ em suas obras ao explorar o fato de que as pessoas nem sempre são tão boas quanto parecem ser, ele acabou traçando também um caminho inverso, através de uma atmosfera ‘antipuritana’, pela forma com que ele chegou às suas conclusões. Os seus três principais pecadores de *A letra Escarlata* (1850), por exemplo, representam o secreto, o contrito e o imperdoável, dentro da categoria puritana de ver o pecador. A diferença entre eles ilustra exatamente o conflito entre a cabeça e o coração, a razão e a natureza, que também está presente na maioria dos romances de sua época. Os três ‘pecadores’ são isolados dos outros, mas cada um à sua maneira atravessa itinerários específicos diante das normas encontradas na sociedade de Salem que não lhes oferece saídas viáveis para um retorno tranquilo à normalidade da vida.

Escritores como Herman Melville e Allan Poe, contemporâneos de Nathaniel Hawthorne, dialogam entre si nessa perspectiva, uma vez que compartilham diretamente com a noção da falsa moral e de um romantismo de desilusão presentes na literatura americana desse mesmo

período. Portanto, é sob esse pano de fundo, extremamente dogmático, cheio de convenções e de uma forte ideologia religiosa que Nathaniel Hawthorne escreve. Suas palavras resplandecem como uma luz crepuscular do século XVII no céu americano de Massachusetts do século XIX.

REFERÊNCIAS

APTHEKER, Herbert. *Uma Nova História dos Estados Unidos: A era colonial*. Trad. Mauricio Pereira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

AQUINO, R.S. L.; LEMOS, N. J. F.; LOPES, O. G. P. C. *História das Sociedades Americanas*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1990.

CANDIDO, Antonio. Crítica e sociologia. In: *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CARL, B.; HOWARD, L; WRIGHT, L.B. *American Literature: the first part of the 19th Century*, v.2, New York: Washington Square Press Inc., 1966.

CUNLIFE, Marcus. *História da Literatura dos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Biblioteca Universitária, 1986.

EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

EDEL, Leon. *Pamphlets on American Writers: Henry James*. Minneapolis: University of Minnesota, 1960.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. 2.ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

ZABEL, Morton D. *A literatura dos Estados Unidos: suas tradições, mestres e problemas*. Rio de Janeiro: Agir, 1947.